

LUGAR E CULTURA URBANA : UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SABERES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO BRASIL – O CASO DE IJUÍ

Helena Copetti Callai¹

Esta pesquisa: “Lugar e Cultura Urbana: um estudo comparativo dos saberes dos professores de Geografia no Brasil”, aborda no “Caso de Ijuí”, o que pensam, como constroem o seu conhecimento, como se preparam enfim para exercer a sua profissão, os professores de Geografia de Ijuí. São professores que tem sua formação inicial quase que exclusivamente na mesma instituição, que é a universidade local (UNIJUÍ). Por outro lado desenvolvem-se de longa data ações no sentido da formação continuada, envolvendo os professores de Geografia e de História da rede, com a coordenação do Departamento de Ciências Sociais da universidade. Na década de 80 foi realizado um grande projeto denominado “Projeto de Estudos Sociais” que a partir de discussões, de pesquisas e de reflexões da realidade do momento, promoveu a rearticulação dos conteúdos por séries de 4ª a 8ª do antigo 1º Grau. Paralelamente às atividades referidas foi sendo construída uma proposta metodológica e publicados livros para cada uma das séries com os conteúdos de Geografia e de História, bem como o livro da Metodologia.

Ao logo desta trajetória são evidentes os avanços que se percebem, assim como as dificuldades enfrentadas o dia-a-dia do trabalho dos professores de Geografia, que é o que nos interessa. E neste momento o desafio está sendo discutir os saberes destes professores, a partir de uma temática específica da Geografia, que é “Lugar e Cultura Urbana”. Conhecer como os professores constituem os seus saberes, as suas verdades e como as elaboram para construir sua visão de mundo e para transforma-las em conteúdos específicos de educação básica, torna-se o ponto de partida para fazer a reflexão sobre sua formação e as condições objetivas para realização do seu trabalho docente. Ao discutir as questões urbanas que se expressam no seu cotidiano, como profissional da educação, através da realidade concreta em que vivem – a cidade de Ijuí, e destas questões colocadas num contexto mais amplo e complexo seja no que se refere ao espaço territorializado, seja no que toca as relações sociais que configuram a nossa ação no mundo da vida, poder-se-á discutir a identidade destes professores.

O reconhecimento da identidade profissional do professor de Geografia, supõe que se compreenda os limites e dificuldades postas atualmente ao professor de um modo geral, (baixos salários, cursos de formação rápidos e acelerados, falta de instrumentos de

¹ Prof. na UNIJUÍ – IJUÍ – RS – BRASIL

trabalho, acessibilidade à leituras e ao conhecimento do mundo e do lugar em que vivem, precárias condições das escolas, submissão a propostas pedagógicas externas e muitas vezes autoritárias e uma boa dose de outras dificuldades). E ao professor de Geografia, em particular, a dificuldade encontrada nas escolas por considerarem um componente curricular de menor importância diante de outras matérias, uma carga horária semanal muito pequena, e a concorrência com todo tipo de informação vindas dos meios de comunicação em geral, a necessidade de selecionar conteúdos e definir currículos e sem dúvida as que advêm de questões teóricas e que se expressam no método da análise geográfica.

A possibilidade de confrontar os resultados aqui encontrados com os outros dois casos que estão sendo estudados – Goiânia e São Paulo, permitirá que seja produzida uma análise que estamos considerando importante para nós que estamos envolvidos com o ensino de Geografia e com a formação dos professores.

Nesta linha de raciocínio, é interessante constatar que as mudanças no mundo atual delineiam novos cenários e atribuem novos papéis às escolas e aos professores. Com a velocidade das informações o mundo torna-se pequeno no sentido de que tudo se aproxima. E o ensino da Geografia neste contexto, necessariamente precisa ser repensado, assim como os processos de formação dos professores.

Desvendar os saberes do professor pode ser uma interessante possibilidade de entender a educação e a formação dos profissionais de educação. E isto serve para desencadear a busca de explicações a respeito do papel deste profissional na sociedade atual, e talvez delinear os contornos das dificuldades que as escolas enfrentam neste mundo.

Como parte desta pesquisa e para fazer uma caracterização geral dos saberes do professor de Geografia, foi feito um levantamento com alunos do curso de Geografia da Unijuí, todos também professores de Geografia atuando no Ensino Fundamental basicamente (alguns poucos no Ensino Médio e outros no EJA). Pode-se constatar pela investigação o quanto está sendo importante a realização do curso, que para muitos é a graduação considerando como base a antiga licenciatura curta em Estudos Sociais. Esta parte da pesquisa tem como base portanto, a instituição em que está acontecendo a formação inicial, muito embora, vários deles estejam participando, por serem professores, dos projetos de formação continuada.

A segunda parte tomará como foco de procedência a escola em que atuam como docentes e a preocupação central se desloca da formação inicial para verificar a ação docente e a constituição dos seus saberes.

Os saberes do professor de Geografia tradicionalmente se assentam em informações sobre os povos os países e nações, e a expressão territorial dos fenômenos que acontecem no mundo é a característica básica do conteúdo de Geografia. Os acontecimentos mesmo que sendo localizados espacialmente em determinados lugares, se manifestam como particularizados ou mundializados a partir do impacto que causam.

Alguns problemas são de âmbito geral, global se quisermos usar o termo da moda e os acontecimentos localizados estão inseridos na dinâmica global. É o caso das questões ambientais que afetam para além dos que estejam próximos. As guerras atuais são outro exemplo que na singularidade dos lugares onde acontecem atentados, seqüestros (em especial), está a expressão de questões mais amplas que desembocam na violência que assume características de violência urbana, étnica, religiosa. Em geral tem no fundo a motivação econômica.

Num contexto de profundas transformações nos processos de organização econômica e social e de rápida veiculação da informação é adequado que se possa perceber o que é permanente e o que é transitório. A informação é cada vez mais veloz e está disponibilizando em maior quantidade tudo que acontece em qualquer lugar do mundo.

As dimensões de espaço e tempo alteram-se neste movimento, expressando-se através das redes que tanto podem ser materializadas sob a forma de edificações, quanto podem ser virtuais. Por exemplo é o caso do dinheiro “*que não dorme*”, ele circula pelo mundo ocupando as 24 horas do dia, de todos os dias.

Qualquer fato que aconteça em qualquer lugar do mundo pode tornar-se presente na vida de todas as pessoas. Pode afetar concretamente ou simplesmente pela informação. Algumas pessoas são atingidas por seu efetivo desenvolvimento e outros são atingidos de forma passiva.

A tecnologia comanda as inovações e a estrutura de novas relações entre as pessoas, entre os variados grupos e também entre as nações. Estruturam-se inclusive novas regionalidades espaciais, em que as regiões não mais se constituem pela contigüidade territorial, mas pelos interesses, interligando áreas descontínuas, unindo pessoas distantes fisicamente e se sobrepondo a laços étnicos e culturais. A partir das redes, a intensidade e o tipo de fluxos passam a ser estruturados e assumem intensidades variadas dependendo do tipo de interesses envolvidos.

Este novo panorama do mundo constitui os cenários de onde vivemos e trabalhamos. E é ao mesmo tempo para nós professores de Geografia o conteúdo de nossa disciplina escolar.

Compreender estes cenários significa para o professor de geografia além de situar-se no mundo reconhecendo a sua identidade e pertencimento, conseguir compreender os fenômenos que estão acontecendo e as formas como eles se concretizam nos espaços. Este espaço que vai sendo produzido é o resultado das ações humanas, das relações sociais, da forma de entendimento do que vai sendo vivido.

O conhecimento do professor é o resultado do que ele vivencia no cotidiano de sua vida, que poderíamos chamar de senso-comum, e as verdades construídas pela humanidade. Da interlocução de um conhecimento com o outro resultam os saberes do professor, que tem a ver com a sua própria prática.

Neste quadro a cultura hegemônica tende a se constituir como única e se estabelecer em todos os lugares e sobretudo envolvendo a todos. Dependendo do tipo de organização/ estruturação cada lugar responde a sua maneira a estes fluxos. Importa aí a força do lugar, que depende do tipo de relações que existem entre as pessoas e as instituições, assim como o grau de coesão interna. Se considerarmos , “que não há um tempo global, único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas apenas, espaços de globalização, espaços mundializados reunidos por redes”. (Santos, 1996: 268)

O desafio de compreender esta lógica se coloca para o professor de geografia como fundamental pois é imprescindível superar a idéia de espaço absoluto para compreender a relatividade do espaço que inserido no contexto mundial não é apenas um lugar neutro. Mas é um lugar que tem história, que tem vida. E esta vida é a das pessoas que ali estão submetidas às regras que são impostas de fora mas também entrelaçadas com a força do lugar. Esta força é medida e expressa pela forma como estão organizadas as pessoas.

Se entendemos que “não existe um espaço global, mas, apenas, espaços de globalização”, (Santos, 1996: 271) podemos compreender o papel da cultura hegemônica e das realidades dos lugares. E o professor ao compreender isto estabelece as bases do seu trabalho. Em que medida ele tem este entendimento é o desafio que temos para realizar o nosso trabalho de formação docente e as formas possíveis de ação na formação continuada.

Considerando a nossa inserção no mundo atual, a compreensão dos novos mecanismos que se estabelecem, e a formação do professor, cabe discutir qual o papel deste profissional.

Na sua formação se estruturam os fundamentos do direcionamento da sua ação. Mas não é apenas na formação acadêmica que reside o seu conhecimento. De acordo com Tardif (2002:64) “os saberes que servem de base para o ensino são, aparentemente,

caracterizados por aquilo que se pode chamar de sincretismo”. O sincretismo, para o autor, se expressa pelo resultado do conjunto dos saberes que ele foi acumulando durante a sua vida, e essa concepção do professor não necessariamente é única e com coerência teórica, se existe coerência “não se trata de uma coerência teórica nem conceitual, mas pragmática e biográfica”(Tardif, 2002:65). E o significado deste sincretismo, não se explica também pela possibilidade de aplicação de uma racionalidade técnica em que os saberes antecedem a prática. E finalmente este sincretismo deve ser entendido pelo fato de que “o ensino exige do trabalhador a capacidade de utilizar, na ação cotidiana, um vasto leque de saberes compósitos” (Tardif, 2002: 66).

Seguindo este raciocínio não há uma regra estabelecida como parâmetro para definir os saberes do professor. Fica claro apenas que, considerando as questões acima referidas é possível caracterizar os saberes do professor com a singularidade que expressam. No caso deste estudo é significativo verificar quais os saberes do professor de Geografia, quais os conhecimentos dos mecanismos de desenvolvimento e estruturação do mundo, quais informações lhe são acessíveis e por outro lado quais são os referenciais teóricos da nossa ciência que balizam as suas análises, quais as suas verdades e qual a sua compreensão e leitura do mundo diante dos processos de globalização atuais.

Os saberes do professor podem se assentar em dois níveis. O do conhecimento científico, resultado dos conteúdos específicos da disciplina escolar, que é o saber erudito e codificado que faz parte das matérias na universidade – quando de sua formação inicial. Mas é também o conhecimento que faz parte do livro texto e disponibiliza as informações de forma didática, a respeito do avanço do conhecimento pela humanidade.

Por outro lado existem os conhecimentos técnicos que podem ser caracterizados como aqueles resultantes da prática, do exercício profissional (muitos professores de escola básica estão ainda fazendo a sua graduação que é a formação inicial). Estes conhecimentos técnicos se expressam tanto na capacidade de executar determinadas habilidades adequadas ao exercício profissional, como ao conhecimento de senso-comum. Em resumo é o conhecimento que resulta da ação e que desencadeia as competências para a ação docente.

Os saberes que os professores possuem não foram necessariamente construídos e organizados deliberadamente. Pode-se dizer que são os conhecimentos advindos do mundo da vida, organizados enquanto vivem. Alguns sistematizados nos cursos, que juntamente com aquilo que denominou-se anteriormente de senso-comum e mais as exigências cotidianas da prática fazem a sua compreensão.

Fica claro que no caso desta análise não se pretende fazer uma caracterização que mostra a “cara” dos professores, como tipos específicos. E também não é o caso de procurar

as marcas teóricas que eles adotam para definir o tipo de professor. Pode-se pensar portanto que a feição que o professor demonstra resulta de tudo o que ele aprendeu do que leu e está lendo, dos contatos com outros professores, das práticas desenvolvidas na escola, e também na universidade como estudante. E também das histórias das suas vidas e de seus familiares, assim como dos grupos em que se inserem.

Se os desafios que ele encontra no dia-a-dia do seu trabalho são encarados e resolvidos com as aprendizagens que ele realizou, não quer dizer que as respostas resultem de estruturas sistematizadas. Teoricamente podem não estar claras as referências, e metodologicamente não existem regras pré-estabelecidas. É muito comum ouvir de professores que eles vão trabalhando e respondendo às demandas conforme elas aparecem. No entanto isto não significa que existam simplesmente atitudes anárquicas. Elas fazem parte e decorrem das verdades que os professores foram construindo ao longo de suas vidas.

Neste sentido verificar como os professores respondem à determinadas questões pode nos auxiliar na verificação de quais sejam as potencialidades e do mesmo modo quais os entraves ao exercício profissional de ser professor de geografia.

Ao serem questionados sobre quais os saberes são importantes nas aulas de Geografia percebe-se que a maior parte dos professores expressa a preocupação através de conhecimentos fragmentados, aspectos do conhecimento geográfico que são temas atuais, e uma grande preocupação com as informações. Todos dizem que para o professor de Geografia ser um bom professor ele precisa estar atualizado, informado. A preocupação é demonstrada a partir de afirmações tipo: *“estar bem informado, ter informações da área, conhecer as atualidades, ter conhecimentos gerais e atualizados”*. Alguns vão mais adiante quando dizem que é necessário *“entender o mundo e suas transformações”, “compreender o meio, desvendar a relação indivíduo-meio”, “conhecer a realidade”, “ter a compreensão do espaço construído no cotidiano”, “perceber como se organiza a sociedade e a natureza e reconhecer a interdependência sociedade – natureza e o equilíbrio ecológico”*. Outros falam em *“organização da sociedade e espaço geográfico”* ou em *“relacionar os fenômenos físicos e humanos”*. Há também os que entram em mais detalhes afirmando que é *“importante e necessário entender as relações sociais, políticas, econômicas e culturais que transformam o espaço”*. E especificam os itens que precisam ser conhecidos pelo professor: *formas de relevo, clima, vegetação, recursos hídricos, meio ambiente e biosfera*. Estes são considerados aspectos necessários de o professor ter conhecimento, e embora sejam referidos como itens separados, são questões específicas do conteúdo geográfico. Estas manifestações demonstram a fragmentação existente na cabeça do professor, explicitando inclusive como temas, aspectos que são altamente debatidos na grande imprensa e no cotidiano da vida. São os problemas mais visíveis, expressos por questões atuais e que em

muito são bandeiras de apologia à certas verdades. Não há um lugar único onde são buscadas as temáticas a trabalhar, elas podem ser da mídia ou dos PCNs, em especial dos Temas Transversais, dos Livros Didáticos, das discussões da moda, de eventos que acontecem com grande ênfase dada pela imprensa. Exemplos disso são as afirmações tipo: “*construção da cidadania, resgate de valores, pluralidade cultural, relações de poder, questões agrárias, impactos ambientais, culturais, sociais e econômicos, terrorismo, atentados*”.

Estes podem ser classificados como os saberes relativos aos conteúdos da matéria. Pode-se talvez referir estes saberes ao aprendizado na sua formação na graduação, que seria o recorte mais significativo, que pode dar a referência básica, como que contornando os limites do que deve ser a Geografia. Mas todos estes itens não tem por referência única o saber adquirido na formação, estes apenas dão os limites para se aproveitar do panorama do mundo e incorporar aquilo que é moda, aquilo que decorre da militância.

Tudo o que o professor na universidade, ou nos cursos de atualização trata/ aprende serve para balizar os contornos do que se trabalha na aula de geografia. Outro lugar de onde emergem os conteúdos é o que diz respeito aos vestibulandos, sejam as provas, os cursinhos, ou as orientações das universidades que tem programas com as escolas de ensino médio para ingresso no 3º grau via aproveitamento em provas anuais.

Pode-se levantar a hipótese de que não existe clareza quanto ao que seria definido como o conteúdo básico de geografia e que isto seria resultado da dificuldade dos cursos de formação de professores na estruturação dos seus cursos. Arriscaria inclusive em levantar a hipótese de que os cursos de geografia marcam mais pela fragmentação das matérias escolares do que pela clareza do que seja a ementa básica e os conceitos necessários para fazer a análise geográfica. Em decorrência há grande dificuldade de desenvolver raciocínios espaciais. Em síntese a fragmentação das matérias reverteu a uma falta de sincretismo, no sentido de construir referências básicas para a ação. Mas estas referências básicas possivelmente se acentuam no exercício da prática expressa pelas observações acima.

Aquilo que permitiria fazer referência explícita à Geografia é apresentado com menor ênfase seja pelo número de professores que se referem seja pela intensidade. Se traduz por exemplo, através da citação de conceitos básicos de Geografia, indicados como: “*paisagem, espaço, interações, região*”. Alguns falam em “*espaço geográfico*”. A pobreza da referência aos conceitos é outro sinal da fragmentação do conhecimento geográfico. Parece não existir clareza do que deveria ser tratado como o fundamental desta matéria escolar.

Paralelo aos conceitos citados, aparecem outros termos que tem a ver com o desenvolvimento de certas habilidades necessárias para fazer a localização espacial dos fenômenos estudados. Estes termos são “*orientação, localização, distância, noções de*

tempo, espaço, grupo, paisagem". Pode-se constatar que neste nível de consideração é muito pouco. Apenas alguns conceitos e algumas habilidades são referidas e que na verdade não dão conta do que cabe à geografia escolar.

Alguns dos saberes citados pelos professores tem a ver com postura metodológica específica de geografia. Por exemplo, quando citam: *"entender o mundo considerando as várias escalas, trabalhar raciocínios espaciais, fazer a análise geográfica, organização do espaço geográfico"*. E numa perspectiva mais geral, há os que consideram como saber do professor que a *"geografia é a ligação entre as outras ciências"* e *"estudar o que está próximo e deixar de lado o geral"* e também *"todos os conceitos de geografia interligados com um fundamento que os ligue"*.

Estas seriam as referências que pautam a metodologia utilizada em sala de aula na disciplina de geografia e se ampliam naqueles saberes que poder-se-ia denominar de pedagógicos, expressos por posturas do ser professor. Estes saberes podem ser expressos por: *"saber relacionar os temas, os conteúdos, com experiências do dia-a-dia dos alunos, e reconhecer qual o papel do cidadão, estar atualizado com os temas"*. De cunho mais geral, são citados outros saberes, que poderiam ser considerados para qualquer professor: *"Dominar o conteúdo, ter embasamento teórico, ter um referencial teórico, motivar o aluno na busca de informações, saber escutar e respeitar as dificuldades do aluno"*.

Ter *"prática pedagógica, metodologia, didática"* são outros saberes importantes na visão dos professores, e *"construir e desconstruir o conhecimento"*. Estas citações permitem expressar de um lado as cobranças que os professores fazem de si mesmos, e poderia ser aceita como preocupação válida as três primeiras. Afinal de contas a pessoa sabe do que é cobrada, e qual o seu papel profissional. Ser professor exige no mínimo que tenha didática metodológica e uma prática pedagógica que o torna capaz de exercer com competência a sua atividade.

O construir e desconstruir o conhecimento também está presente nas exigências que se faz do ensino atual, e tem a ver com a quantidade das informações e da velocidade com que se propagam. No entanto é de se considerar a pertinência da exigência da ação de construir e desconstruir. Qual é realmente o alcance deste propósito e porque os professores falam disto.

Se esta é uma discussão significativa pode-se verificar quando da análise dos dados resultantes da pesquisa que está sendo aplicada e mais, quando da análise comparativa com os resultados obtidos em Goiânia e em São Paulo.

De qualquer forma merece atenção desde já ao que possa representar o "construir e desconstruir" para o professor de Geografia. Seria a postura metodológica de como

considerar teoricamente os conteúdos que estão sendo trabalhados ou seria a vulnerabilidade destes conteúdos, que pelo ritmo dos acontecimentos no mundo atual e pela velocidade da informação se tornam superados com muita rapidez?

De fato, tanto uma quanto a outra possibilidade acima referidas estão a atormentar os professores de Geografia. Se as exigências de avaliação ainda centradas no saber informações para fazer a prova e ter a nota, junto com os vestibulares- (que ainda movem o ensino) e os pais que cobram quantidade e volume de conhecimento, se tudo isto ainda é muito considerado na escola o professor se depara com a urgência de saber informações e transmiti-las. E como a informação “viaja” com grande velocidade, o professor de geografia se vê diante de um conteúdo imenso que deve ser trabalhado, acrescentando a todo o tempo tudo o que acontece.

Estaria aí o construir e reconstruir? Ou no aspecto pedagógico de tratar este conteúdo. Neste caso o professor percebe que lhe falta alguma coisa que garanta-lhe a competência no trato de todos os conteúdos. Sabe também que as discussões sobre a geografia escolar tem avançado por conta de experiências variadas em lugares diversos, que os objetivos deste componente curricular não podem se assentar exclusivamente no “passar informação”, mas no alcance da compreensão do espaço de vida e do mundo da vida de cada sujeito. Isto exigiria também um construir e reconstruir. É uma questão bastante interessante para pensar o ensino da Geografia.

Esta é a leitura que se pode fazer a respeito do que os professores pensam no que se refere aos saberes importantes nas aulas de Geografia. A referida pesquisa tratou também de investigar como o professor se prepara para as aulas, como ele caracteriza ser professor de Geografia, que leituras realiza e sobre qual o papel da escola e da educação básica. Estas questões no presente texto serviram apenas como referência e são tratadas noutro momento, já que o que interessa agora são os saberes do professor no mundo atual.

Como discussão possível pode-se considerar que os saberes dos professores de geografia no mundo atual são a fonte de sua formação, mas também a matéria de ensino com a qual trabalham na educação básica. Tardiff argumenta que “os saberes que se encontram na base da profissão docente (tem) um duplo status: eles são ao mesmo tempo fonte da competência profissional e matéria de formação e de transmissão.”(Tardiff, 2002: 296)

Se os saberes que o professor tem e com os quais trabalha provêm de várias fontes o desafio é como organizar estes saberes, e daí qual o papel deles na formação docente em seu nível inicial – de graduação, e na formação continuada. É recorrente na Geografia a discussão do que fazer com as informações a respeito do mundo. A Geografia se institui como um saber produzido que considera o conjunto das ações do/ no mundo analisadas a

partir da dimensão espacial. São muitas e variadíssimas as informações, portanto mais do que o acesso a elas, requer que se consiga organiza-las para que com elas se possa fazer a leitura do mundo. E aí entram os outros saberes, que são imprescindíveis ao trabalho docente do professor de geografia. Estes tem por base a ação pedagógica, são saberes que consideram o trato social na interlocução dos saberes dos sujeitos, na construção de um conhecimento.

Estudos feitos por Tardiff, Lessard e Lahaye (1991) (referido por Tardiff, 2002: 297) diz que:

“os professores em suas atividades profissionais se apóiam em diversas formas de saberes: o saber curricular proveniente dos programas e das maneiras escolares, o saber disciplinar que constitui o conteúdo das matérias ensinadas na escola; o saber da formação profissional, adquirido por ocasião da formação inicial ou contínua, o saber experiencial, oriundo da prática de profissão, e enfim o saber cultural herdado de sua trajetória de vida e de sua pertença a uma cultura particular, que eles partilham em maior ou menor grau com os alunos”.

Pode-se a partir daí fazer um exercício de reflexão tendo como ponto central o professor de Geografia. Nunca é demais acentuar que o conhecimento geográfico é tido vulgarmente como sinônimo de conhecimento popular que todos tem, que a acessibilidade é fácil, e que ser professor de geografia é só passar estas informações. Ora, compreender o mundo tendo como ponto de partida a análise geográfica requer mais do que o simples acesso à informação. Vejamos como é possível fazer a reflexão tendo por fio condutor a citação acima, e considerando o professor e as aulas de Geografia.

O saber curricular : este tem por fonte os programas e os manuais escolares e por mais bem feito que sejam tem a sua organização externa ao professor e à sua prática pedagógica na escola. É um saber que se torna mais importante quanto menor for a consciência de autoria do professor como sujeito do seu trabalho docente. No mais das vezes o professor coloca este saber como o único para a realização do seu trabalho. Contextualizado no conjunto dos seus saberes ele é importante, o problema é quando ele se apresenta como o único. Acresça-se que cada vez mais o material das editoras tem sido apresentados de modo atraente e desafiador para o professor, assim como os programas oficiais tem sido a expressão do que preconiza a ciência geográfica e a geografia escolar. (por ex. PCNs)

O saber disciplinar: centrado nos conteúdos das matérias que são ensinadas na escola. Poder-se-ia inferir que é o conteúdo trabalhado nas aulas. Em algum momento foi

definido o que seria o conteúdo da matéria, o que não é o problema. Este reside no fato de ser considerado como imutável e não como uma construção histórica e como tal possível de ser modificado. De todo modo é um saber que dá ao professor a autoridade de ser o conhecedor de sua disciplina. É um saber fragmentado e como tal não permite que se avalie a real dimensão que ele traz em si. Não é raro ver professores discutindo que o conteúdo da matéria é muito grande e que não há tempo adequado para dar conta do mesmo. Este é um saber estratégico que requer o conhecimento de referenciais teóricos da ciência para sustentar o trabalho com os conteúdos na escola.

O saber da formação profissional: que é aquele adquirido por ocasião da formação (inicial ou contínua). Aí na composição deste saber aparece como grande problema a falta de clareza do que seja trabalhar com saberes para a formação profissional e a “matéria de formação e de transmissão”(Tardiff, 2002: 296). Este é um problema dos cursos de graduação, em especial daqueles que tem as habilitações de bacharelado e de licenciatura. No caso da geografia reconheço como uma grande dificuldade, que se expressa pela fragmentação do conhecimento, pela especialização exagerada em certos ramos, pelo uso da técnica (e mais recentemente da tecnologia) como se ela fosse o saber necessário e não apenas uma competência. A ânsia em formar o geógrafo técnico capaz de realizar análises geográficas eficientes para o diagnóstico e planejamento territorial, confunde a técnica com a formação. Afirimo isto por entender que a formação profissional na geografia deve dar conta de que o aluno consiga fazer a análise geográfica. Esta supõe referenciais teóricos, instrumental técnico e saberes e não pode dispensar a dimensão pedagógica que permitirá o trato social do exercício profissional seja como técnico ou como docente.

O saber experiencial: decorrente da prática da profissão, que é inegável que agrega conhecimento, seja da informação do conteúdo da matéria, seja do exercício cotidiano. O professor com experiência se distingue do novo por ter maior competência, por saber lidar com as situações do dia-a-dia, mas não é um critério de que seja bom ou mau profissional. É simplesmente (e significativo) o caso de ter a experiência que gera um saber. E aqui poderia ser o nosso grande lance, de como fazer a reflexão desta experiência.

O saber cultural: expresso pela sua trajetória de vida, e sua identidade e pertencimento construídos na singularidade de sua vivência. Este é um saber que dá contornos para o sentimento de ter uma identidade e um pertencimento. É um saber que se envolve com o lugar (geográfico) do professor e como tal pode ser um saber muito centrado no senso comum (no sentido de Gramsci) e exatamente nele reside uma grande possibilidade de construir as ferramentas capazes de se situar no mundo.

Enfim, os saberes do professor de Geografia no contexto do mundo atual, por sua complexidade e pela especificidade da matéria que trata, estão a exigir uma capacidade extremamente ágil do docente para dar conta do seu trabalho.

E esse dar conta do trabalho hoje significa fazer com que o aluno da escola básica seja motivado a construir o seu conhecimento. Para que isso ocorra é fundamental que o professor consiga se apropriar deste processo para ele próprio organizar os seus saberes. Estes advêm de muitos lugares e de certa forma se constituem numa avalanche de informações que precisam ser selecionadas e organizadas no contexto que se impõe a partir de duas vertentes: a dinâmica dos acontecimentos mundiais e sua expressão espacial de um lado; e de outro as concepções teóricas e metodológicas da ciência que é o seu objeto na formação profissional e na matéria de ensino na escola básica.

Conhecer a realidade que se expressa a partir da ação destes profissionais nos permite encaminhar a reflexão sobre a formação profissional inicial e continuada. Como já foi referido esta é a parte inicial da pesquisa que se desdobra em vários aspectos, tendo sempre como base os saberes do professor de geografia. A expectativa que nos move enquanto grupo de pesquisa é atender como o professor de Geografia trabalha e organiza os seus saberes, para agregar um conhecimento mais aprofundado nas discussões sobre a formação docente.

REFERÊNCIAS

- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.